

Álvaro de Campos

## DILUENTE

### DILUENTE

A vizinha do número quatorze ria hoje da porta  
De onde há um mês saiu o enterro do filho pequeno.  
Ria naturalmente com a alma na cara.  
Está certo: é a vida.  
A dor não dura porque a dor não dura.  
Está certo.  
Repito: está certo.  
Mas o meu coração não está certo.  
O meu coração romântico faz enigmas do egoísmo da vida.

Cá está a lição, ó alma da gente!  
Se a mãe esquece o filho que saiu dela e morreu,  
Quem se vai dar ao trabalho de se lembrar de mim?  
Estou só no mundo, como um peão de cair.  
Posso morrer como o orvalho seca.  
Por uma arte natural de natureza solar,  
Posso morrer à vontade da deslembração,  
Posso morrer como ninguém...  
Mas isto dói,  
Isto é indecente para quem tem coração...  
Isto...  
Sim, isto fica-me nas goelas como uma sanduíche com lágrimas...  
Gloria? Amor? O anseio de uma alma humana?  
Apoteose ás avessas...  
Dêem-me Agua de Vidago, que eu quero esquecer a Vida!

29-8-1929

Álvaro de Campos — Livro de Versos . Fernando Pessoa. (Edição crítica. Introdução, transcrição, organização e notas de Teresa Rita Lopes.) Lisboa: Estampa, 1993: 111.